

A ESQUERDA



“DOENÇA INFANTIL
OU RÉVOLUÇÃO ?”

DENIS AUTHIER / AFRONTAMENTO

ALFAMA (1918-1921)

Título original:

LA GAUCHE ALLEMANDE (Textes)

Coeditado por:

LA VECCHIA TALPA (NAPOLI — ITÁLIA), A. Fasano, C.P.
231-80100 Napoli-Itália

INVARIANCE (BRIGNOLES — FRANÇA), J. Camatte, B.P.
133-83170 Brignoles-França

LA VIEILLE TAUPE (PARIS — FRANÇA), Rue des Fossés
Saint-Jacques, 1, Paris-França

KOMMUNISMEN, Postboks 61-2880 Bagsvoerd, Dinamarca

LE MOUVEMENT COMMUNISTE, G. Dauvé, B.P. 95-94600
Choisy-le-Roi, França

Este livro é um suplemento ao n.º 2 da revista

INVARIANCE

Ano V, Série II

Endereço:

J. Camatte, B.P. 133-83170 Brignoles
França

Tradução:

Manuel Quelhas

ÍNDICE

Siglas das organizações citadas	9
INTRODUÇÃO, por Denis Authier «Para a História do Movimento Comunista na Alemanha de 1918 a 1921»	11
<hr/>	
TEXTOS DO KAPD	49
Programa do «Partido Comunista Operário da Alema- nha» (KAPD): Maio de 1920	51
Apelo ao Congresso de Fundação do «Partido Comunista da Alemanha» (KAPD) — 4 e 5 de Abril de 1920 — Berlim	65
<hr/>	
O KAPD NO TERCEIRO CONGRESSO DA INTER- NACIONAL COMUNISTA	67
Discussão do Relatório de Trotsky sobre a Situação Económica Mundial	69
Discussão a propósito do Relatório Radek sobre a Tática da Internacional	79
Discussão a propósito do relatório de Radek sobre a Tática (continuação)	91
Discussão do Relatório de Zinoviev sobre a Questão Sindical	100
Discussão do Relatório de Lenine sobre a Tática do Partido Comunista Russo	117
Moções	123

TEXTOS DA AAUD	131
Programa da AAU aprovado na conferência nacional de Leipzig (12-14 de Dezembro de 1920)	133
O que é a Organização? (Extractos das linhas de Orientação da AAU)	135
<hr/>	
TEXTOS DA TENDÊNCIA «ORGANIZAÇÃO UNITÁRIA» (A.A.U.-E.)	153
Linhas de Orientação para a A.A.U.-E.	155
A Revolução não é uma Tarefa de Partido, por O. Rülhe	157
<hr/>	
INTERNACIONAL COMUNISTA (K.A.I.)	167
Linhas de Orientação da K.A.I. (extractos)	169
<hr/>	
BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL	175

SIGLAS DAS ORGANIZAÇÕES

- AAU: *Allgemeine Arbeiter Union*. União geral dos trabalhadores.
- AAUD: União geral dos trabalhadores da Alemanha.
- AAU-E: União Geral dos trabalhadores — Organização Unitária.
- FAUD: *Freie Arbeiter Union Deutschlands*. União Livre dos Trabalhadores da Alemanha.
- ISD: *Internationale Sozialisten Deutschlands*. Socialistas Internacionais da Alemanha.
- IKD: Comunistas Internacionais da Alemanha (novo nome do ISD, após Novembro de 1918).
- IC: Internacional Comunista, ou Komintern.
- IWW: *Industrial Workers of the World*. Operários Industriais do Mundo.
- KAPD: *Kommunistische Arbeiter Partei Deutschlands*. Partido Operário Comunista da Alemanha.
- KAI: *Kommunistische Arbeiter Internationale*. Internacional Comunista Operária.
- KAZ: *Kommunistische Arbeiter Zeitung*. Jornal Comunista Operário.
- KPD(S): *Kommunistische Partei Deutschlands. (Spartakusbund)*. Partido Comunista Alemão (Liga Spartacus).
- SPD: *Sozial-Demokratische Partei Deutschlands*. Partido Social-Democrata da Alemanha.
- SDAP: Partido Operário Social-Democrata (da Holanda. Partido reformista).
- SDP: Partido Social-Democrata (Partido da esquerda holandesa até ao fim da guerra de 14).
- USPD: *Unabhängige Sozial-Demokratische Partei Deutschlands*. Partido Social-Democrata Independente da Alemanha.
- VKPD: *Vereinigte Kommunistische Partei Deutschlands*. Partido Comunista Unificado da Alemanha (alguns KPDistas de direita e 400 000 USPD «de esquerda») (secção oficial da III Internacional na Alemanha a partir de 1920).

INTRODUÇÃO

DENIS AUTHIER

PARA A HISTÓRIA DO MOVIMENTO COMUNISTA
NA ALEMANHA DE 1918 A 1921

(Comunismo de conselhos e conselhismo)

PARA A HISTÓRIA
DO MOVIMENTO COMUNISTA NA ALEMANHA
DE 1918 A 1921

(Comunismo de conselhos e conselhismo)

Os textos publicados nesta compilação — a maior parte deles inéditos — foram escritos por indivíduos que Lenine tratou de «esquerdistas» no seu livro «A Doença Infantil do Comunismo». Nada têm que ver com os «esquerdistas» actuais que se reivindicam de Lenine e em particular desse seu livro.

Os «esquerdistas» alemães são aqueles que, no período revolucionário que se seguiu à I Guerra Mundial, foram mais longe na busca das vias específicas da revolução comunista, práticas antes de mais, enquanto que o movimento proletário russo, sendo embora um partido que se reivindicava do proletariado e agrupando no seu seio numerosos proletários, tendo tomado o poder, foi obrigado, dado o seu isolamento forçado no interior das fronteiras da Rússia, a não poder superar a atitude do proletariado na revolução burguesa, conservando, de facto, inúmeros vestígios burgueses (omnipresentes na ideologia leninista), os quais se tornaram depressa preponderantes (1).

Por «esquerda alemã» ou «esquerdistas alemães», é necessário entender um movimento social profundo e total (ideias e inclusive organizações) e não uma panóplia de organizações políticas, e muito menos ainda uma ideologia cristalizada: o «conselhismo», que haveria que comparar a outras ideologias, ditas também elas esquerdistas e do mesmo modo cristalizadas. Nós desejamos restituir, através de um esboço rápido que faça sentir e criar a necessidade de

OBSERVAÇÃO

Atenção: as notas encontram-se no final de cada texto

uma análise deste período (é preciso que a futura revolução tenha superado por completo a última), a força social revolucionária que produziu, como expressão ainda inadequada, os textos teóricos e políticos aqui apresentados.

Expressão inadequada — ainda que menos inadequada que os esquemas leninistas, anarquistas ou sindicalistas revolucionários — sobretudo porque este movimento, comunista, mas «novo» (na medida em que 50 anos de reformismo e de parlamentarismo social-democrata tinham feito esquecer o «núcleo sólido» do pensamento de Marx, isto é, o que são o capital e o proletariado, e o que é a sua abolição: o comunismo), não teve tempo de chegar à sua maturidade e de encontrar a expressão consciente do objectivo comunista, tal como foi formulado por Marx em contacto com os movimentos proletários do século XIX. O movimento comunista alemão limitou-se à afirmação e à análise das suas tácticas, assim como à defesa de **formas de organização** que considerariam e deveriam necessariamente considerar o movimento revolucionário proletário situado nas condições do capitalismo de então, cuja expressão dominante (do ponto de vista do revestimento técnico que envolve as diferentes fases de desenvolvimento da relação social capital) era a grande empresa, o capital produtivo e o seu ciclo. Essas formas eram essencialmente os **conselhos operários** e, em geral, todas as formas de organização de **empresas**. A tarefa da revolução afirmava-se como controle da gestão da economia pelas organizações de empresa. Mas a realidade da própria empresa não era posta em questão como forma especificamente capitalista, nem tão-pouco, e ainda com mais razão, se pensava na **abolição da economia**, a crítica da economia política pelas armas. A autogestão pelos conselhos operários, eis o capital visto do ponto de vista do operário, isto é, do ponto de vista do ciclo do capital produtivo (o capitalismo, ou o gestor assalariado do capital, revelam tendência a considerá-lo sob o ângulo do ciclo capital-dinheiro ou do capital-mercadoria⁽²⁾); isso não é a abolição do próprio capital.

Enquanto era uma corrente viva, a esquerda alemã não estava alienada pelo fetichismo dessas for-

mas; os operários revolucionários e as organizações da esquerda (KAPD; AAU) destruíam tanto os conselhos operários contra-revolucionários como os sindicatos quando era necessário e possível. Contudo, ao não sublinhar que as formas de organização do movimento proletário, sendo-lhe essenciais num dado momento da acção, são porém passageiras e podem ser abandonadas em seguida, ao não expressar com precisão o próprio conteúdo do movimento comunista (a destruição do capital e em que consiste tal destruição, e ainda, a abolição do proletariado como classe), a esquerda alemã forneceu os materiais de uma nova ideologia — condenada a ser utilizada de um modo artificial no novo movimento proletário e a constituir para ele um entrave ideológico — a ideologia do **conselhismo de autogestão**, a qual se limita a adorar a ideia dos conselhos e não pensa libertar o proletariado da sua condição proletária, impondo-lhe apenas o trabalho suplementar de gerir a sua própria miséria, como «homens dignos» e como «indivíduos livres». A reafirmação do conteúdo do comunismo constitui a tarefa do momento actual. O conselhismo e a autogestão tornaram-se hoje a ideologia dos capitalistas conscientes.

Anunciada por uma série de rupturas de esquerda no interior da social-democracia alemã, assim como por algumas grandes vagas de greves selvagens no início do século XX, o aparecimento do movimento revolucionário entre o proletariado alemão fez-se durante a guerra de 1914, culminou durante o período que decorre entre Novembro de 1918 e Maio de 1919, passando por duas novas experiências, estas mais corrosivas, em Março-Abril de 1920 (insurreição do Ruhr) e em Março de 1921 («Acção de Março»). O ano de 1923, no qual os trotskistas, os estalinistas e outros epígonos do leninismo estão de acordo em ver o ano da revolução frustrada, significa, na realidade, o absoluto esmagamento do proletariado alemão pelo capital, esmagamento económico (uma fantástica inflação) e militar.

O aparecimento da esquerda durante a guerra

A SPD (social-democracia alemã) (*) e os sindicatos praticam a política de «união sagrada». Todas as greves são proibidas. O movimento operário volta à superfície após um período de calma de cerca de um ano que se seguiu à declaração da guerra. No final de 1915 e início de 1916 estalam em muitas cidades motins provocados pela fome. Este movimento culmina em 1917 com uma importante vaga de greves semi-políticas semi-económicas e uma outra mais intensa no início de 1918 (mais de um milhão de operários simultaneamente em greve em Janeiro de 1918). Tais greves são reprimidas pela força militar e o exército ocupa a direcção de inúmeras fábricas.

Encontrando a oposição dos sindicatos, os operários em greve procuraram novas formas de organização por empresa (e não por profissões como nos sindicatos da época), as quais agrupavam os trabalhadores da empresa e não uma minoria sindicalizada (representada sobretudo pela fracção dos operários qualificados), tendo à frente «homens revolucionários de confiança» (**Obleute** em alemão, **shop-stewards** na Inglaterra, na qual se desencadeava um movimento análogo, mas de menor importância). Esses homens de confiança são em geral antigos delegados sindicais de primeiro grau, os quais continuam sindicalistas contra as direcções sindicais que, a seu ver, «traíram». O período dos homens revolucionários de confiança, a época na qual estas organizações foram as mais radicais do momento, corresponde à fase inicial — ainda confusa — do movimento revolucionário alemão.

A partir dessa altura aparece a forma de organização dos conselhos (Räte) operários ou de empresa, então portadores, como os homens de confiança, de palavras de ordem reformistas e democráticas, no preciso momento em que os sindicatos tinham abandonado esse papel. Os primeiros conselhos conhecidos remontam à greve de 1917. Em Janeiro de 1918 forma-se o primeiro Conselho Operário da Grande-

* Ver siglas na pág. 9.

-Berlim, composto por delegados das diversas empresas e constituído «segundo o modelo» do soviete de Petrogrado (como diziam os próprios membros). Existe, assim, no movimento dos conselhos alemães, a convergência de uma tendência interna do movimento e a imitação de uma forma produzida noutra lugar (os soviets na Rússia). Tal fenómeno manifestar-se-á com particular nitidez durante a revolução «democrática» de Novembro de 1918.

Por um processo que se efectua muitas vezes independentemente do movimento operário, através de uma série de cisões originadas no interior da organização política (a SPD), nasceram os germes organizativos e ideológicos das futuras direcções do movimento «esquerdista» (e também, dos futuros partidos «centristas»).

Manifestou-se primeiro no parlamento a cisão da esquerda e do centro dos deputados socialistas. Em Agosto de 1914, todos os deputados sociais-democratas tinham votado os créditos de guerra. Liebknecht (Dezembro de 1914), depois Otto Rühle (Março de 1915) são os primeiros a votar contra os créditos de guerra e o orçamento geral do Estado. A eles se juntaram, no final de 1915, uma vintena de outros. Estes formarão o núcleo do futuro partido centrista, o USPD (análogo ao centro da SFIO em França, a qual formou em 1920 o PCF, com Cachin, Frossard e outros «social-patriotas», os quais oportunamente passaram ao «social-pacifismo»). O USPD (Partido Social-Democrata Independente da Alemanha) foi fundado em Abril de 1917 e agrupou importantes secções do SPD que já então se tinha cindido, de modo autónomo, deste partido. O USPD contesta a política de guerra da direcção SPD, mas permanece fiel às concepções social-democratas clássicas.

Em 1915 forma-se o grupo «Die Internationale», com o mesmo nome da revista clandestina que editam (um único número durante a guerra), pois era-lhes impossível continuarem a editar através dos jornais da SPD. Este é o grupo de que fazem parte Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Mehring, Pieck, Levi, Meyer, etc, o qual toma em 1916 o nome de **grupo Spartacus**. Lançam-se na propaganda contra a guerra, na participação em diversas acções grevistas (note-se

que um conselho operário spartaquista foi eleito numa fábrica de Berlim em 1917) e na organização de manifestações. No decorrer duma destas, Liebknecht foi detido e condenado a 4 anos de prisão. Liebknecht é o mais popular dos opositoristas social-democratas. Mas a atitude extremamente activista deste grupo processa-se a par da sua incapacidade para pôr em questão as práticas passadas do movimento operário, e, deste modo, os spartaquistas não alcançarão o nível da revolução alemã. Este grupo (e sobretudo Rosa Luxemburgo, sua principal expressão literária) desempenha um papel particularmente nefasto ao tentar travar as acções do grupo da esquerda exterior à SPD (a qual perde, de 1914 a 1917, 800 000 do seu milhão de membros) e ao apelar para a «reconquista das organizações pelas massas». O grupo **Spartacus** aderiu como grupo autónomo ao USPD — situação que o impede de fazer uma crítica clara dos centristas. Contudo, permanece ali até à revolução de Novembro de 1918. Existia uma importante oposição de esquerda no seio dos spartaquistas (a qual se manifesta no congresso da fundação do partido comunista alemão, em fins de 1918), mas o prestígio de Rosa Luxemburgo conserva-a subjugada. A atitude indecisa do grupo Spartacus em relação à social-democracia levou-o ao centro (com os mencheviques, Trotski, Souvarine, representante da esquerda socialista francesa) nas **conferências internacionais de Zimmerwald e de Kienthal**.

Em Setembro de 1915, os bolcheviques e as correntes de esquerda da II Internacional reuniram-se na conferência internacional de Zimmerwald a propósito da atitude a adoptar em relação à guerra e à social-democracia. Os grupos de opositoristas alemães foram também convidados, mas a esquerda forma-se a partir da ruptura definitiva com a social-democracia e do slogan «transformar a guerra imperialista entre os Estados em guerra civil revolucionária». As outras posições são consideradas «centristas». (O «centrismo zimmerwaldiano» tipo Rosa Luxemburgo, Martov, Trotski, não equivale — é preciso sublinhá-lo — ao centrismo internacional tipo USPD, centro SFIO, centro estilo Serrati na Itália, etc.).

Deste modo os bolcheviques e os «radicais de esquerda» («Linksradikalen») alemães convergem na esquerda definida em Zimmerwald, apesar de constituírem forças sociais muito diferentes, como se verificará em seguida.

Os grupos radicais alemães agrupam-se em certas cidades. Bremen, Brunswick, Berlim, Hamburgo. Logo depois de findar a conferência de Zimmerwald, os grupos das três primeiras cidades fundam a **ISD (Internationale Sozialisten Deutschlands)**, ficando o grupo de Hamburgo em estreitas relações com eles. Mesmo estando intimamente vinculados com o movimento operário que se processa nas suas respectivas regiões, tais grupos não parecem intervir como os spartaquistas e limitam-se a um trabalho de clarificação teórica. Este trabalho diz respeito sobretudo à guerra, à crítica da social-democracia quanto aos seus fundamentos e métodos de acção, à busca de novas formas de táctica, e constitui a formulação de movimentações sociais surgidas espontaneamente. Como se pode verificar no órgão principal da ISD (o **Arbeiterpolitik** — «Política operária» — de Bremen) as diversas tomadas de posição da ISD aprofundam-se pouco a pouco. Neste sentido, esta revista assinala o aparecimento da célebre palavra de ordem da revolução alemã «Heraus aus den Gewerkschaften!» (Saíamos dos sindicatos), primeiro para a criticar, depois para a retomar e fundamentar; também publica um artigo da «base», no qual surge pela primeira vez na Alemanha a ideia da «organização unitária» (fim da divisão em partido e sindicato, mas uma só organização operária); note-se que neste primeiro artigo sobre a «organização unitária» fazem-se, por um lado, concessões ao reformismo, e por outro, enviam-se deputados ao parlamento. A «ideia» tornou-se mais precisa quando a realidade se revelou de modo mais claro e quando os operários revolucionários rejeitaram não só as lutas salariais como também o parlamentarismo.

A ISD e o grupo de Hamburgo discerniram no germe, desde o início do movimento revolucionário, alguns traços fundamentais que se revelarão em seguida evidentes, logo que o movimento atingiu o seu pleno desenvolvimento. Esses grupos constituem,

assim, um momento preciso do próprio movimento em busca da sua coerência teórica. Nada tendo feito na época para «ganhar as massas», não tendo participado nas querelas internas da iracção da esquerda social-democrata, estavam, contudo, no ponto focal do que se passava: o partido comunista fundado em 1918, então ainda partido revolucionário, formado a partir das correntes espontâneas mais radicais e interessado no reagrupamento dos proletários no sentido da tomada do poder, adoptou integralmente as suas posições, rejeitando o spartaquismo e as ideias de Rosa Luxemburgo.

Os principais porta-vozes «esquerdistas» eram, em Berlim, Julian Borchardt (com a revista **Lichtstrahlen**, «raios de luz»), em Dresde, Otto Rühle, em Brunswick, Karl Radek (futuro diplomata bolchevique) em Bremen, Johan Knieff, Becker e Fröhlich, em Hamburgo, H. Laufenberg e F. Wolffheim. Todos tinham, em certa medida, sofrido a influência do teórico holandês Pannekoek, colaborador, antes da guerra, do órgão da secção de Bremen da SPD (**Die Bremer-Bürger-Zeitung**), o primeiro, — com os outros «holandeses» — a ter feito, do ponto de vista marxista, a crítica revolucionária da social-democracia.

A ESQUERDA HOLANDESA tinha-se individualizado desde 1917; a oposição do SDAP (partido social-democrata operário da Holanda) tinha lançado nesse mesmo ano a revista **De Tribune**, a qual, por causa das suas críticas virulentas contra a tática parlamentar da maioria do partido (Troelstra), foi expulsa em 1909. A maior parte da esquerda holandesa (Pannekoek, Gorter, Wijnkoop, Van Ravensteyn) formava então o SPD, que apenas contava com algumas centenas de partidários. **De Tribune**, em particular com Henriette Roland-Holst, permanecia como grupo autónomo e não aderiu ao SPD (partido social democrata) antes de 1916, após a conferência de Zimmerwald. Uma nítida oposição manifestou-se em 1909 entre Rosa Luxemburgo e os holandeses quanto à questão da cisão: Rosa declarava que «o pior dos partidos operários valia mais que partido algum». Verificava-se já, ainda em estado de germe, a futura oposição entre spartaquistas e «esquerdistas».

tas». A grande época da esquerda holandesa (formada então por Pannekoek, Gorter, Henriette Roland-Holst e a sua tendência, pois a corrente de Wijnkoop e Van Ravensteyn resvalara para o oportunismo) foi durante a guerra: desempenha então um grande papel à escala internacional no agrupamento das minorias internacionalistas dos diferentes países, com a publicação da revista **Vorbote** (na qual colaboraram os bolcheviques) e, em geral, com a formulação das teses da esquerda comunista não bolchevique.

A revolução «democrática» de Novembro de 1918

No Outono de 1918 o proletariado alemão, seguindo o exemplo dos soviets russos que tinham concluído a paz desde Março de 1918 — não podendo suportar por mais tempo as dificuldades materiais que lhe impunha o curso da guerra, no preciso momento em que a derrota era sentida como próxima, começou a movimentar-se e, deste modo, as estruturas organizativas criadas durante as lutas de 1916 a 1918 reactivaram-se (homens de confiança, conselho operário da Grande-Berlim, etc.). Para desmantelar o movimento, o governo lança mão de ministros socialistas e o regime de democracia parlamentar (responsabilidade do governo perante a assembleia dos deputados) é proclamado. Tarde demais. No ambiente que reina na Alemanha, o motim dos marinheiros de Kiel funciona como um detonador: a 4 de Novembro os marinheiros, tendo recusado um combate e apoderando-se dos navios, desembarcaram em Kiel, e, apoiados pelos operários dos arsenais, elegem um conselho de operários e de marinheiros que toma o poder na cidade. Entre 4 e 9 de Novembro as antigas estruturas do Estado alemão, dinástico e burocrático, são abandonadas: **conselhos** ocupam o poder local em todas as cidades; Berlim é a última a cair. Ali, sob a pressão de uma imensa manifestação, o SPD e o USPD constituem um «conselho de comissários do povo», destituem o antigo governo imperial, e o ministro social-democrata Scheidemann proclama a república. O SPD toma o poder através de uma vaga de fundo que ele próprio tinha antes

impedido de manifestar-se, e que nenhum outro grupo político, por mais revolucionário que fosse, tinha previsto e mobilizado. O SPD apressou-se a restabelecer imediatamente a ordem, e com essa finalidade, foi assinado, desde 11 de Novembro, o armistício sem condições com a Entente (França e Inglaterra).

Esses **conselhos**, os quais surgem em todas as cidades da Alemanha (e são muito numerosos: cerca de 10 000) agrupam as diferentes classes da sociedade (são intitulados de «conselhos de operários e de **soldados**»). Foram copiados, mesmo pelos menos revolucionários de todos esses democratas, pelo prestigioso modelo da revolução russa. Surgem espontaneamente — mas só a espontaneidade do proletariado é revolucionária. De facto, esses conselhos são em larga escala dominados pelos social-democratas voltados à direita e são, no seu conjunto, inofensivos para os partidos burgueses afastados no momento da cena política. Equivalem aos comités de salvação pública, os quais realizam as tarefas correntes em substituição dum Estado que foi a pique, mas que eles vão tratar de pôr a funcionar de novo. Esses conselhos, os quais chegaram a reunir dois congressos nacionais (Dezembro de 1918, e Março de 1919 que excluíram as alas radicais e os spartaquistas), devem distinguir-se rigorosamente dos conselhos revolucionários operários nas empresas de que falam o KAPD, AAUD e outros «esquerdistas». A ideologia burguesa, na Alemanha da época, recuperou sem perigo a palavra de ordem de formação de conselhos e todos se puseram a formar conselhos, a partir de uma indiscriminada base de reagrupamento social. Era a moda.

Tal situação permite que certos conselhos dominados por elementos radicais «esquerdistas» continuem a agir, em particular nas grandes regiões proletárias (Bremen, Hamburgo, no Ruhr, na Alemanha Central). Aliás, duas séries de organizações de conselhos se diferenciavam: em Dresde (Saxe Oriental), Rühle e os operários revolucionários abandonam passado uma semana os primeiros conselhos, dominados pelo SPD e pelo USPD, ao aperceberem-se que tais organizações — por mais credenciadas que sejam do

ponto de vista da forma — nada mais querem que administrar as tarefas correntes que precedem o restabelecimento de um «Estado normal», no qual o SPD ou o USPD ocupariam o poder, e teriam por função impedir o desenvolvimento natural da revolução.

Deste modo, os actores da «revolução democrática» dividem-se quase de imediato em dois campos. O campo capitalista, cujo elemento dirigente e mais consciente é, por certo, «o mais poderoso partido operário do mundo», o qual quer orientar todas as energias para a eleição de uma assembleia constituinte destinada a conferir uma constituição à nova república. O partido socialista está no poder, portanto o socialismo nada mais é que uma questão de progresso e de reformas económicas. Os operários devem abandonar a accção violenta, desordenada, ineficaz, etc., e ajudar o governo socialista na tarefa de reconstrução nacional. Passagem gradual ao socialismo, cujo primeiro passo será constituído pelo acordo, conhecido sob o nome famoso de **Arbeitsgemeinschaft** («comunidade de trabalho»), celebrado a meio de Novembro entre os sindicatos e as organizações patronais (horário de 8 horas de trabalho, reconhecimento das seccções sindicais de empresa, instituição de comités paritários nas grandes empresas, etc.). A passagem ao socialismo vai ser feita democrática e pacificamente. Surge aqui a aplicação do programa social-democrata (não o de Erfurt, mas o das teorias preconizadas por Bernstein, etc.).

Os elementos minoritários, mas numerosos (pode-se calcular em mais de 1 milhão os proletários que optam pela luta revolucionária na Alemanha), que desejam passar, de facto, da revolução política democrática à revolução social serão chamados de irresponsáveis, lumpen-proletários, «esquerdistas», bandidos, saqueadores, bárbaros, etc. (tudo isto se resumia então sob o vocábulo «spartaquista», o qual a ideologia burguesa estende a todo o movimento; em tudo se vê «spartaquistas» — bastando para isso acontecer alguma coisa em qualquer local —, o que não se justifica, pois os spartaquistas são apenas um grupo entre outros de linha revolucionária e nem sequer o mais radical).

Pelo seu lado, os revolucionários, em geral sob a palavra de ordem bastante indefinida de «todo o poder aos conselhos», combatem as eleições para a Assembleia Constituinte, entram em conflito com a maioria dos conselhos e em muitos locais destroem os sindicatos (4). O dinheiro tomado aos sindicatos é repartido entre os desempregados (quase um milhão no fim do ano), os próprios sindicatos são suplantados (não se pode dizer «substituídos», pois a prática sindical foi abandonada) nas zonas revolucionárias por organizações revolucionárias de empresa do tipo AAU (união geral operária), ou seja, de facto revolucionárias, as quais rejeitam o reformismo e lutam pela ditadura do proletariado. Enquanto isso, as organizações de empresa com os seus homens de confiança tal como surgiram durante a guerra, praticavam e continuam a praticar durante a «paz» um sindicalismo «duro», mas que não passa de reformismo. Os «esquerdistas», pelo contrário, integram-se nas organizações do tipo AAU.

O Congresso da fundação do PC Alemão (KPD-S)

Este congresso reuniu-se por iniciativa da ISD (que tomou na ocasião o nome de IKD) e duma parte dos spartaquistas (Rosa Luxemburgo, Levi, Jogisches estavam reticentes, pois julgavam que as condições ainda não eram favoráveis). Mas a maioria dos delegados não pertenciam nem a uma nem a outra destas organizações. Trata-se de grupos formados de maneira espontânea durante a guerra e posteriormente (grupos de acção local, comités de acção operários nas empresas, etc.). Eram essencialmente operários, muitos ainda jovens, os quais se tinham tornado revolucionários de um modo directo, sem terem passado pela política ou pela acção reformista. Não se pense que eram «revolucionários profissionais», pois apenas representavam o que a sociedade capitalista pode produzir de mais radical durante o processo da sua decomposição, o próprio comunismo inclusive.

Mas a ausência de maturidade deste movimento revolucionário e, a par dela, o peso de um passado

social-democrata, manifestavam-se no congresso: a maioria deixa eleger uma direcção composta por chefes spartaquistas prestigiosos (social-democratas de esquerda, de facto), entre os quais Rosa Luxemburgo, Liebknecht, Leo Jogisches, etc., todos eles indivíduos que não desejam — na quase totalidade — decidir-se pelo combate revolucionário, e assim, o congresso adopta, sem quase discuti-lo, um programa («O que quer **Spartacus?**», redigido por Rosa Luxemburgo), que nega, de facto, o que eles são e o que querem, pois declara: **Spartacus** — agora o partido comunista — não tomará o poder antes que «a maioria da classe operária» esteja conscientemente de acordo com os seus fins, e que ela o exprima claramente. Visão democrata-espontaneista que nada tem que ver com o processo real de agrupamento dos revolucionários em tempo de revolução (ver a intervenção de Sachs — membro do KAPD — no II Congresso Internacional comunista sobre o problema da tática, pág. 91) e os meios através dos quais tomam o poder.

Entretanto, a maioria do congresso opôs-se violentamente aos chefes spartaquistas quando se passou às questões relativas à tática imediata: antes de mais, eleições para a assembleia constituinte. Os delegados boicotaram estas eleições, e as argúcias «dialécticas» de Rosa Luxemburgo, Levi e quejandos favoráveis à luta contra o parlamentarismo através do «parlamentarismo revolucionário», sossobraram em meio à algazarra geral. Foi Otto Rühle que apresentou, num relatório crítico, a posição do conjunto dos congressistas. (5) As eleições para a Assembleia Constituinte fizeram-se sobre o esmagamento das insurreições de Janeiro em Berlim e noutras zonas da Alemanha. Aliás, nas zonas em que a esquerda era forte (Berlim, Alemanha Central, Saxe, Hamburgo, Ruhr) constatou-se um importante abstencionismo por parte do proletariado nas diversas eleições — nacionais, municipais e regionais — no período de 1919-1921.

Verificando a sua derrota na questão das eleições, Rosa Luxemburgo manobrou para que o congresso não tomasse sobre a questão sindical uma posição de partido análoga: o assunto foi enviado para estudo

em comissão e o KPD como tal não tomou posição clara sobre a questão. O que não impede que o conjunto dos membros do KPD tivesse, em seguida, empreendido a destruição dos sindicatos e tivesse contribuído para a formação das AAU — ou para o desenvolvimento daquelas de que já faziam parte. Ademais, a esquerda desenvolveu no congresso a concepção de **Organização unitária**, expressão da necessidade de se terminar com a divisão entre organizações «políticas» e organizações «económicas» do proletariado. Para eles, o KPD não constituía já um «partido no sentido tradicional».

No momento da sua fundação, o KPD tinha cerca de 40 000 membros.

Os combates de 1919 (Primeira derrota da revolução)

De Janeiro de 1919 a Abril do mesmo ano, desencadeiam-se uma série de insurreições e de tomadas de poder locais, as quais foram esmagadas violentamente pelas tropas que restavam do exército alemão (o qual se tinha praticamente dissolvido após a derrota) e pelas organizações militares de extrema direita, surgidas com o novo governo e encorajadas por ele. A repressão foi dirigida pelo partido social-democrata, o qual obtém em Dezembro de 1918 a caução do congresso dos conselhos, e depois, em Janeiro de 1919, a do povo (através das eleições para a Assembleia Constituinte).

Berlim: insurreição de Janeiro (do dia 6 ao dia 15). O pretexto foi, neste caso, a demissão do prefeito da polícia USPD (que antes se tinha encarregado deste posto durante a revolução de Novembro). Os revolucionários ocuparam toda a cidade, mas dividem-se quanto à questão de saber o que fazer deste poder conquistado. O USPD, que formou um comité insurreccional, começa imediatamente as negociações com o governo que tinha abandonado Berlim — em vez de organizar a luta contra ele. O USPD utilizou, pois, um movimento de massa enorme com objectivos de política clássica (voltar ao governo com uma posição de força). Rosa Luxemburgo e a direcção do KPD na sua maioria, condenaram a insurreição, de-

pois juntaram-se a ela, mas não querem tomar o poder (ver as palavras de «**Que quer Spartacus?**», citadas atrás). Liebknecht, sem permissão da direcção, participou no comité insurreccional do USPD, depois foi forçado a demitir-se. Enfim, a esquerda (vinda do ISD), bastante forte, participa como dirigente nas diversas acções militares, mas não se decide a agir por si própria e a criar o irreparável: foi-lhe necessário muitos meses para se dar conta disso. Deste modo, enquanto que as discussões campeiam entre os insurrectos — na maioria, os seus chefes minimizam a insurreição, e querem-na reduzir a um elemento da política tradicional —, a social-democracia (Noske) estabelece metodicamente o seu plano de reconquista da capital. A repressão provoca inúmeros mortos, entre os quais Rosa Luxemburgo e Liebknecht. Apesar de tudo, a repressão não parece suficiente e um novo golpe é assestado sobre o proletariado berlinense dois meses depois (os combates de Marco). Essas duas campanhas repressivas provocam milhares de mortos só em Berlim, ou seja, mais mortos que toda a revolução russa de 1917.

Simultaneamente são esmagados os poderes proletários locais: república socialista de Braunschweig, república dos conselhos de Bremen, repressão das greves insurreccionais no Ruhr e na Alemanha Central. Por toda a parte os socialistas que escapavam com vida das mãos dos operários revolucionários, traíam-nos, preparando o terreno antes de intervenção da reacção armada. Por outro lado, a democracia funciona a todo o vapor: novas eleições nos conselhos destinadas ao II congresso pan-alemão desses órgãos em Março de 1919, eleições para os parlamentos locais dos diversos Estados de que se compõe o Reich alemão. A SPD consegue neles muitas vezes a maioria absoluta; no Saxe Oriental, cabe a vez ao USPD.

Mas apenas um Estado revela-se ser pouco para dominar uma Alemanha em estado de revolução: a França continua a ocupar a margem esquerda do Reich, e o governo de Berlim deixa a situação evoluir na Baviera sem intervir, enquanto o movimento não se encontra suficientemente desmantelado noutros locais. Na Baviera, o USPD tomou o poder em 1918,

mas não cessou de organizar eleições democráticas, nas quais não é capaz de conseguir mais de 2,5% dos votos. Apesar de tudo, o assassinato do seu chefe, Kurt Eisner, desencadeia uma situação na qual se revelam as relações reais: os conselhos tomam o poder e a direita burguesa, ainda há pouco eleita, dispersa-se. Mas os conselhos voltam a entregar o poder à direita com um governo SPD-USPD. Uma fraccão do USPD tomou pouco depois a iniciativa de proclamar a «República dos Conselhos da Baviera», decisão isolada da base. O governo social-democrata pôs-se em fuga para Bamberg e a guerra civil começa. Os conselhos radicalizam-se, desembaraçam-se do USPD: é a «II República dos Conselhos» na qual participa o KPD. Os operários formam um exército vermelho, à custa dos capitalistas, exigindo o pagamento dos dias consagrados ao treinamento. No fundo, não se verifica uma tentativa de começar imediatamente a destruição das relações capitalistas. Era necessário começar a fazê-lo, mas os revolucionários bávaros esperavam que o conjunto do proletariado alemão o fizesse. Apenas se encarregaram da gestão da sociedade tal qual ela se apresenta, isto é, capitalista, realizando só algumas reformas favoráveis ao proletariado. Foram esmagados no início de Maio de 1919.

O aparecimento das novas organizações A FAUD (anarco-sindicalista)

Foi a partir da derrota de Maio que as crises começaram a surgir no interior da frente revolucionária, uma vez que enfraquecera a pressão do proletariado. A primeira ruptura declarou-se em Maio de 1919 entre os comunistas de esquerda e os anarco-sindicalistas, que até então tinham militado em conjunto nas organizações revolucionárias de empresa (reagrupadas em uniões mais extensas ao nível das regiões industriais — exemplo disso foi a União Geral dos Mineiros no Ruhr). O revés de Maio deixou espalhadas pela sociedade alemã uma multidão dessas organizações condenadas, momentaneamente, a renunciar à luta quotidiana. Os anarco-sindicalistas

propõem aos comunistas de esquerda unir-se no âmbito de uma organização nacional norteada pelos princípios do sindicalismo revolucionário. Tal corrente era já bastante poderosa antes da guerra; foi proibida em Agosto de 1914 como resultado da sua oposição à política da união sagrada, só voltando a reaparecer em Novembro de 1918. Uma conferência nacional da F.V.D.G. («União Livre dos Sindicatos Alemães») sindicalista-revolucionária, recomenda a acção comum com os comunistas. Mas em Maio de 1919, estes são denunciados como «marxistas autoritários» e retornou-se à atitude clássica dos reagrupamentos. Os anarco-sindicalistas engrossam as suas fileiras com numerosas organizações recém aparecidas em 1919 (consequência da saída dos sindicatos ou da sua destruição) e convertem-se em Dezembro de 1919 na F.A.U.D. («União Operária Livre da Alemanha»). A princípio contém ainda no seu seio uma oposição marxista importante, mas esta acaba por desligar-se, pois inúmeras outras uniões autónomas rejeitam o sindicalismo, mesmo sob a sua forma revolucionária, e as teorias libertárias iniciam um processo de reagrupamento.

A AUD (o unionismo alemão)

O fim momentâneo das lutas conduziu ao reagrupamento e à tomada de consciência duma corrente específica da revolução alemã: o unionismo. Os comunistas de esquerda que se encontram nessas uniões nelas participam activamente (em particular Wolfheim e Laufenberg, e o **Kommunistische Arbeiter-Zeitung** de Hamburgo — de facto órgão central do partido comunista da Alemanha do Norte). Os fundamentos de tal corrente, são os seguintes: 1) os operários unem-se tomando como base a empresa (e não com base nas profissões, método utilizado pelos sindicalistas clássicos, fossem eles reformistas ou «revolucionários»). 2) Reagrupamento das organizações de empresa por regiões industriais (e não por ramos de indústria). Estes dois critérios organizativos do unionismo — a partir dos quais o unionismo se separou do anarco-sindicalismo — podem parecer

formais, mas na realidade correspondem ao próprio conteúdo da acção dessas organizações na época em que constituíam um corpo vivo: não uniam os operários com base na luta salarial (portanto, por profissões e ramos de indústria situados no âmbito do capitalismo dos cartéis), mas com base na luta revolucionária no sentido da supressão do regime de salários (ver os estatutos e os programas da AAU-D e da AAU-E). Nesta medida, revela-se a última característica que distingue as AAU: a tendência ou mesmo a vontade imediata de abolir a distinção entre organização política e organização económica. É precisamente a respeito desta questão — saber se tal abolição poderia ser realizada de imediato ou se deveria ser considerada simplesmente como um objectivo longínquo — que a AAUD se cindiu na AAUD e na AAU-E (AAU — «Organização Unitária», tendo como principal representante Otto Rühle).

Após muitas e infrutíferas tentativas, a AAUD foi fundada em Fevereiro de 1920. O seu programa e as suas linhas de orientação só serão adoptadas na conferência de Leipzig (Dezembro de 1920), quando a corrente AAU-E se tinha já cindido a respeito da questão das relações com a Rússia e a III Internacional. Cada uma destas uniões representava, no momento da sua fundação, cerca de 100 000 membros.

A AAUD torna-se alguns meses depois da sua fundação, mas apenas em certa medida, a «organização económica» do KAPD — tal facto constitui o fulcro da crítica que lhe dirige a corrente AAU-E —, mas é fundamental verificar que a AAUD não constitui um apêndice desse partido, não é um simples produto daquele, mas o resultado de um movimento real.

O K.P.D.

1. A cisão no seio do KPD(S)

Assim como aconteceu com a cisão AAU/FAU, também a direcção direita do KPD (a «Central») iniciou as hostilidades contra a esquerda após Maio de 1919. As correntes políticas de constituição já

antiga (saídas da social-democracia estilo Levi, por um lado, e por outro, do anarco-sindicalismo) tentam engrossar as suas fileiras com todos aqueles que o movimento revolucionário preparou, e com tal propósito, isolam e em seguida liquidam o núcleo recém formado (a esquerda alemã). Ainda que a esquerda se tivesse mostrado incapaz de um mínimo de táctica quanto às questões internas da organização, a verdade é que o partido comunista direita não pôde subsistir como força política na Alemanha, a não ser valendo-se das centenas de milhares de membros da «tendência proletária» do USPD (criação do VKPD nos finais de 1920 — ver mais adiante).

Foi Levi (6) que tomou a direcção da Central do KPD depois da morte dos seus chefes históricos — Rosa Luxemburgo, Liebknecht, Jogisches. Não querendo enfrentar a esquerda ao contrariá-la de imediato com problemas tácticos precisos, a Central do KPD lançou uma vasta polémica geral, estilo bastidores, contra os «federalistas» e pelo «centralismo das forças revolucionárias», contra o anarco-sindicalismo e pelo «marxismo». Hamburgo denuncia semelhante processo num artigo publicado no KAZ, intitulado «As raízes da ditadura»: a central saída dos spartaquistas prossegue as concepções social-democratas — o partido não constitui para eles o movimento de auto-organização do proletariado revolucionário, mas um partido político no sentido burguês do termo, composto por profissionais da política.

Uma primeira conferência do KPD foi realizada em Agosto. Levi ficou em minoria. Apesar da força de apoio que ela tentou grangear através de manobras diversas (havia, por exemplo, um representante por distrito, qualquer que fosse a importância relativa dos distritos em questão), a Central foi derrotada e privada de direito de voto nos congressos. Mas a esquerda não aproveitou tal oportunidade para reunir ela própria o II congresso do partido, deixando esse género de «tarefas correntes» aos cuidados da Central. A esquerda trabalhava nessa ocasião sobretudo na constituição da AAUD.

Desta maneira, Levi conseguiu reunir em Outubro de 1919 um congresso com uma representação simu-

